

## A ATUALIDADE DO PENSAMENTO LEIBNIZIANO

Juan A. Nicolás

Tradução: Daniel Arce e William de Siqueira Piauí<sup>412</sup>

Uma possível pesquisa sobre a filosofia de Leibniz no contexto atual depende em parte do diagnóstico feito da situação atual (cf. Nicolás, 2001b). Tal diagnóstico pode ser resumido, para os objetivos que interessam aqui, no questionamento massivo do modelo de racionalidade típico da modernidade, que tem I. Kant e D. Hume como referências últimas. O futuro da cultura moderna está em jogo, tal como se desenvolveu nos últimos séculos. É possível continuar neste caminho? A crise forçará uma mudança de modelo de racionalidade e trajetória sociocultural? As reformas internas do próprio modelo serão suficientes?

É nessa posição que Leibniz deve se colocar hoje. A interpretação que se faz de seu pensamento determina a posição de Leibniz e as possíveis contribuições que ele poderia dar para a resolução desses problemas. Se Leibniz for entendido como um passo intermediário entre Descartes e Kant, o possível colapso da modernidade iluminista arrastaria consigo a obra de Leibniz.

Agora bem, Leibniz é um representante típico da modernidade sem mais? Em certo sentido sim. Em outro sentido, ele põe termo a ela. Pode ser interpretado no sentido de que aponta para uma outra modernidade possível. As falas indicadas até aqui permitem questionar o que poderíamos chamar de “preconceito kantiano”. Isso consistiria em entender Leibniz como um prelúdio do kantismo, anterior (cronológica e filosoficamente) à virada copernicana e, conseqüentemente, superado por ela. Esse “preconceito kantiano” é compartilhado por grande parte dos pesquisadores tanto da modernidade quanto do próprio Kant e Leibniz. Sem dúvida, essa interpretação tem certa justificativa, mas talvez não seja a mais ajustada à realidade do pensamento leibniziano, nem seja a mais frutífera na atualidade.

---

<sup>412</sup> Trad. ARCE, Daniel (e-mail: [darcesantos@gmail.com](mailto:darcesantos@gmail.com)), membro do GEFILUFS, e PIAUÍ, W. S. (e-mail: [piaiusp@gmail.com](mailto:piaiusp@gmail.com)), doutor em filosofia pela Universidade de São Paulo e atualmente professor do Programa de Pós Graduação em Filosofia e do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe, coordenador do GEFILUFS. O texto aqui traduzido é o capítulo VII do livro de J.A. Nicolás, *G.W. Leibniz: racionalidad ontológico-moral*, in A. Segura (ed.), *Historia universal del pensamiento filosófico*, vol. 3, Liber Distribuciones, Bilbao, 2007, pp. 489-541 (N.T.).

Precisamente no momento em que o modelo kantiano de modernidade é posto em questão, a via leibniziana é fonte de sugestões e propostas que, tendo se constituído no seio e no próprio momento da gênese da modernidade, podem contribuir para a necessária transformação desta execução do projeto iluminista e, por conseguinte, para a configuração de uma “outra modernidade”.

Aqui estão algumas linhas do pensamento leibniziano que podem ser exploradas no contexto da crise da modernidade, do desenvolvimento tecnológico incessante e da globalização social e cultural.

Toda a concepção de racionalidade de Leibniz gira em torno do princípio de razão. Numa compreensão ampla, e ao mesmo tempo ajustada aos múltiplos usos que, conforme se viu, Leibniz faz de seu “grande princípio”, é possível enfrentar algumas das principais críticas que a concepção iluminista de razão recebeu no século passado. Isso é possível porque, para o bem ou para o mal, Leibniz não compartilha de alguns dos postulados da crítica kantiana.

Dois críticas importantes foram lançadas contra a concepção iluminista moderna da razão, como ela chegou até nós: primeiro, que ela foi reduzida à lógica do conhecimento, e às vezes até à metodologia do conhecimento (déficit experiencial); e, segundo, ter sido dividida, pelo menos, nas esferas teórica e prática (déficit de sistematicidade).

(1) Em relação à primeira crítica (déficit experiencial), ela também foi lançada algumas vezes contra Leibniz. Mas isso só faz sentido se for aceita uma interpretação simplificadora do pensamento leibniziano, no sentido de reduzi-lo exclusivamente à razão econômico-calculativa e lógico-formal. Mas essa interpretação, por mais difundida que tenha sido em determinados momentos, não resiste a uma análise rigorosa dos escritos de Leibniz.

Diante do déficit experiencial criticado pela modernidade ilustrada em alguns de seus resultados atuais, Leibniz apresenta uma concepção complexa de conhecimento e razão, na qual [assumem importância] não só o método, mas também os fins, os objetos de cada conhecimento, a liberdade do sujeito, os níveis de aplicação, etc. Com tudo isso, Leibniz supera a concepção físico-mecanicista da ciência e da realidade, substituindo-a pelo modelo biológico-vitalista. Assim, integra elementos como o inconsciente, a vida, a força, o dinamismo perpétuo, o corporal, etc.; e com isso, uma transformação da própria concepção de método pode ser encontrada em Leibniz. De modo que sob o domínio do princípio da razão está toda a diversidade e riqueza de modelos metodológicos acima indicados.

A nova categorização defendida por Leibniz, contra o paradigma cartesiano-kantiano (ação, dinamismo, *vis*, *appetitus*, força, inconsciente, vida) conecta-se justamente com a gênese mais radical da hermenêutica, a saber, a de F. Nietzsche. Essa convergência ocorre em dois aspectos: Nietzsche representa uma reivindicação radical da individualidade, e também elabora uma filosofia da força e do poder do real (tanto em seu aspecto de realidade natural, quanto de realidade histórica e realidade subjetiva humana), como vontade. Este fato não deve ser levado além do que é criticamente razoável, mas pelo menos nos faz pensar, e permite detectar conexões entre duas abordagens aparentemente tão distantes. De fato, Nietzsche passou a ser interpretado, em certo aspecto, como um dos “desenvolvimentos das monadologias” (Renaut, 1989).

Para dar conta de tudo o que Leibniz encerra sob a expressão "razão suficiente" e dar-lhe lugar nas discussões atuais, seria preciso aproximá-la da noção de "compreensão". Dar razão significa, no caso leibniziano, tornar inteligível, explicar, justificar, assumir o comando, compreender. Ora, não há motivo para entender “compreensão” no sentido heideggeriano de “interpretação” ou “abertura de sentido”, mas pode ser feito, sem sair formalmente da abordagem leibniziana, no sentido de “intelecção”.

(2) A segunda crítica (déficit de sistematicidade) aponta para o fato de que, apesar da intenção de Kant, depois de quase três séculos, a razão foi dividida em esferas relativamente independentes (J. Habermas, P. Berger). Embora a razão teórico-cognitiva tenha inquestionavelmente avançado, ainda se discute se realmente se pode falar de progresso na esfera prática (moral, política). Esta crítica, e o correspondente apelo à reunificação da racionalidade, é compatível com a acusação, um tanto contrária, da globalidade do paradigma iluminista, que tenta explicar grandes totalidades. Nessa perspectiva, a reivindicação é justamente a da fragmentação diante das “grandes histórias” (K. Popper, F. Lyotard, R. Rorty).

Diante dessa situação de cisão da razão, Leibniz oferece uma proposta de razão unificada, na qual teoria e práxis, como visto acima, estão intimamente ligadas, pois há princípios comuns a ambas. Todo o trabalho científico-racional de Leibniz tem um propósito prático. Em última instância, trata-se de poder intervir na realidade, tanto natural como social, para adequá-la aos interesses racionais-práticos do homem, que poderiam ser sintetizados na conquista da felicidade. Esses interesses determinam teleologicamente a atividade científica ao estabelecer uma ordem de prioridades para ela.

Mas a relação entre interesse prático e atividade racional é bidirecional. Se a práxis dá à ciência (mesmo a ciência por excelência, que é a lógica) seu sentido último, a lógica dá à reflexão prática sua estrutura racional (Knecht, 1981, 306-10).

Aqui está uma concepção teórico-prática ou uma concepção ética da razão. Nela estão integrados (unidos por princípios) os campos teórico e prático do saber e da ação humana. Este modelo baseia-se na confiança fundamental na razão e na sua capacidade de contribuir verdadeiramente para a aproximação progressiva do homem à sua própria felicidade. Após três séculos de desenvolvimento do projeto científico-racionalista, é justamente a capacidade emancipatória e unificadora dessa faculdade humana que tem sido profundamente questionada.

Num contexto em que o comunitarismo defende uma recuperação parcial da ética aristotélica das virtudes, o neoconservadorismo defende o uso das religiões para relegitimar a dimensão econômico-produtiva das sociedades capitalistas avançadas, a ética discursiva reivindica o cerceamento da razão instrumental-calculativa e sua conexão com as dimensões comunicativa e libertadora da racionalidade, a pós-modernidade reivindica um papel para as dimensões e aspectos não conceituais da inteligência humana, a proposta leibniziana soa sugestiva. Na era da globalização em que nos situamos, que põe em evidência a tensão entre o universalismo iluminista e o papel do particular, na forma de culturas minoritárias, grupos marginais, etc. É uma forma de avançar tanto na tão exigida unidade da razão, quanto na não menos urgente reivindicação do reconhecimento das minorias. A monadologia é apresentada como uma proposta de articulação entre individualidade e universalidade.

### **Referências bibliográficas**

Knecht, H. *La logique de Leibniz*, Ed. Lausanne. Paris.1981.

Leibniz, G.W. *Monadología*, Ed. J. Velarde, Biblioteca Nueva, Madrid, 2001.

Nicolás, J.A. *Alternativas actuales a la crisis de la metafísica moderna*, Ed. Comares, Granada, 2001.

Renaut, A. *L'ère de l'individu*, Ed. Gallimard, Paris, 1993.

### **Outros textos do autor que dialogam com o tema neoleibnizianismos:**

- J.A. Nicolás, “Dar razón”, in O. Saame, *El principio de razón en Leibniz*, Laia, Barcelona, 1987, pp. 5-21.
- J.A. Nicolás, “Die Krise der Aufklärung: die leibnizsche Alternative”, in *Actas del “VII. Internationaler Leibniz-Kongress”*, *Nihil sine ratione. Mensch, Natur und Technik im Wirken von G.W. Leibniz*, Berlín, 2001, pp. 897-905.
- J.A. Nicolás, “G. W.: Leibniz: ¿entre la ilustración y la hermenéutica?”, in *Ciencia, Tecnología y bien común: la actualidad de Leibniz*, Valencia, UPV, 2002, pp. 137-147.
- J.A. Nicolás, “La interpretación zubiriana de Leibniz”, in J.A. Nicolás, O. Barroso (eds.), *Balance y perspectivas de la filosofía de Zubiri*, Granada, Comares, 2004, pp. 337-352.
- J.A. Nicolás, “Leibniz zwischen der Entstehung und der Krise der Modernität” in J.A. Nicolás (Hrsg.), *Leibniz und die Entstehung der Modernität*, Stuttgart, Steiner Verlag, 2010, pp. 9-15.
- J.A. Nicolás, “Perspective as mediation between interpretations” in J.A. Nicolás *et al.* (eds.), *Leibniz and Hermeneutics*, Newcastel, Cambridge Scholar Publishing, 2016, pp. 17-32.
- J.A. Nicolás, “Perspective und Interpretation: Leibniz und die Hermeneutik” in *Studia Leibnitiana. Supp.*, Band 39, 2017, pp. 215-226.
- J.A. Nicolás, “Vers un perspectivism herméneutique chez Leibniz”, *Filosofický časopis*, Praga, 2019, pp. 144-162.
- J.A. Nicolás, “Le principe vital de Leibniz et sa transposition chez Ortega y Gasset”, *Revue Roumaine de Philosophie*, 66, 2022, pp. 159-170.